

francisco José viegas

a luz do índico

Língua
Seraj

Só às 6h da manhã descobriram o corpo, embora este já estivesse exposto à luz clara do dia que nascera há muito e, aparentemente, nada o escondesse. Estava deitado de costas, com o rosto voltado para o céu azul e sem nuvens dessa manhã de março, com os dois braços muito abertos, terminando o esquerdo numa mão cravada no chão de saibro ainda húmido. Àquela hora ninguém o reconheceu, talvez porque as primeiras pessoas a entrar no recinto da feira fossem empregados do serviço de limpeza, arrumadores e um encarregado da vigilância que mais tarde se viria a apurar estar ainda bêbedo desde o início da noite anterior, e que tinha dormido perto, num barracão que servia de armazém a um dos restaurantes do lugar.

Não se ouviu qualquer sirene da polícia, contra o que era costume acontecer, mas talvez isso fosse assim por ser de manhã, bem cedo, apesar de os *ferries* já terem iniciado a travessia de uma margem para a outra da baía e de os primeiros vendedores ambulantes se terem abrigado sob

os coqueiros da avenida ainda deserta, aguardando o Sol, encostados às bancas onde expunham papaias, mangas, mariscos, peixes, sal, farinha de milho ou cajú.

“Gustavo Madane.”

Disse isto o homem a quem um outro chamara sargento, depois de ter levantado o pano colorido que cobria o corpo. Mas ao sargento faltava acrescentar qualquer coisa quando se ergueu e desabotoou o bolso direito da camisa bege que não era a da sua habitual farda de polícia.

“Cabrão”, ele disse, enquanto começava a escrever no bloco que tirara da camisa. “Cabrão. Cabrão e cabrão outra vez.”

“É uma muito má, sargento. E esganado”, disse o outro, fardado, que o acompanhava à distância e que conduziria o carro que os transportava na direcção do cais. O carro era um Volvo azul-escuro e, à partida, nada o indicava como pertencendo à polícia. Nada senão as fardas de um dos dois homens que saíram de dentro quando um grupo os mandara parar, em plena avenida marginal, para lhes dizer que havia um morto ali dentro, um morto à espera na Facim.¹

“Alguma vez tinha de lhe acontecer. Aconteceu agora”, voltou o sargento. “Já chamaste a ambulância?”

“Não.”

¹ Facim: Feira Internacional de Maputo.

“E que estás a fazer?”

“À espera de ordens.”

“Estou a dar-te as ordens. Chama ambulância e brigada.”

“Sim, sargento.”

“Bom”, disse ele, olhando outra vez para o morto.
“Vai dar problemas.”

“Dá sempre.”

“Não percebes nada disto, pá. Nada. Não conheces o tipo?”

“Não.”

“Madane. Gustavo Madane. Capitão Madane. Frelimo.² Comando do Norte. Quinze anos de guerra³, desmobilizado em 1993. Tratava o Samora por ‘tu’. E havia de tratar o Mondlane por ‘tu’, se o Mondlane estivesse vivo.”

“E se o Samora também estivesse.”

“Não percebes nada, pá. Era melhor que nem o tivéssemos visto. Agora, ninguém vai querer ficar com isto, ninguém vai querer trabalhar isto, pá. Este tipo estava morto há muito, Armando. Mas ninguém lhe tinha dito.”

“Ninguém lhe tinha dito?”

² Frelimo: Frente de Libertação de Moçambique, movimento que liderou a luta pela independência de Moçambique, dirigido pelo histórico Samora Machel, primeiro presidente do país.

³ Referência à guerra civil moçambicana, que durou entre 1977 e 1992.

“Ninguém. Mas estava morto há muito tempo. Há dois ou três anos, pelo menos. E, antes, estava condenado à morte pelos tipos que estiveram lá em cima, na reeducação, no Norte. Madane era filho-da-puta no Maputo e era filho-da-puta no Niassa. Vai chamar a ambulância.”

“Onde?”

“As putas das cabines estão todas fodidas, mas há um telefone na Maxaquene. Já lá está gente. Vai e volta. Eu fico.”

“Sim, sargento.”

O sargento viu-o partir, entrar no carro, ligar a ignição e pôr-se em marcha na direcção da saída do parque. Depois, acendeu um Palmar e entrou num dos restaurantes onde as mulheres da limpeza cochichavam. Calaram-se quando ele entrou.

“Onde está o telefone? Serviço da polícia. Vamos!”

Uma delas apontou para um canto, atrás do balcão, e o sargento atravessou a sala de chão de cimento até ao lugar onde o telefone estava escondido, debaixo de uma caixa de cartão. Marcou um número, com lentidão. Ultimamente, os telefones funcionavam como devia ser, mas aquele era um aparelho velho, de disco negro, onde os números tinham já desaparecido debaixo de uma camada de pó ressequido e acrescentado de gordura.

Demoraram a atender do outro lado e, quando se ouviu uma voz ensonada, o sargento sacudiu a cinza do cigarro para o lava-loiças do balcão e disse o nome:

“Savala. Desculpe ser muito cedo, capitão. Mas isto não podia esperar.”

“O que foi, Savala? São 6h35min.”

“É, capitão. Encontrámos um morto esta manhã. Não devia ter sido eu, mas calhou, ao ir para casa.”

“Onde?”

“Na feira.”

“E quem é?”

“Madane. Gustavo Madane. Está morto há um bom bocado. Bom, foi esta noite. Não dormiu em casa.”

Savala aguardou que o outro respondesse.

“Esse cabrão não tinha casa, Savala.”

Fez-se outro silêncio entre o sargento e o capitão. Depois, o capitão tossiu. O sargento Savala não acrescentou mais nada, como se esperasse que o outro lhe desse uma ordem. Mas o capitão fez-lhe outra pergunta:

“Por que foste tu?”

“Ia a passar na avenida para apanhar o barco. Pedi ao Armando para me trazer. Os da limpeza tinham acabado de descobrir o corpo e foram para a estrada pedir ajuda. Íamos a passar e tivemos de vir cá dentro. Mandeí o Armando telefonar para o comando, à Maxaquene. Quis

falar consigo primeiro, havia um telefone por aqui, mas mandei-o à Maxaquene.”

“Está certo. Como ele estava?”

“Asfixiado, capitão. Uma corda à volta do pescoço, parece. Mas não está lá a corda. Não tem mais nenhuma marca, está tudo perfeito.”

Novo silêncio. Savala sabia porquê e o outro confirmou a sua suspeita.

“Coisa séria. Encontramo-nos daqui a uma hora. No meu gabinete, Savala.”

“Eu ia para casa.”

“Já não vais. Vais depois. Mando alguém levar-te. Não hás-de ir a pé, Savala.”

“Sim, senhor.”

“Savala”, chamou o outro. “Vê-lhe os bolsos, se pudes. De modo que ninguém descubra. Quando aí chegarem quero-te longe do gajo. E o que descobrires, guarda bem.”

“Sim, senhor capitão”, disse o sargento Savala.

Depois, regressou ao lugar onde Gustavo Madane tinha sido encontrado morto e de onde afastara os poucos curiosos que tinham começado o trabalho no parque de diversões anexo à Facim — tinham rodeado o cadáver, mas ninguém se atrevera a mexer na capulana⁴ que servira para o tapar.

⁴ Capulana: pano colorido usado pelas mulheres como saia ou vestido.

“Toca a sair. Trabalhar. Vamos daqui para fora”, gritou então. “Trabalho da polícia. Embora daqui.”

Aos poucos, e hesitando, afastaram-se, abandonando o sargento e o morto. Savala ficou sozinho com os restos de Gustavo Madane. Sabia que tinha de ser rápido e que Armando podia voltar a qualquer momento, embora no campo de jogos do Desportivo de Maxaquene só existisse um telefone, e àquela hora fosse pouco provável que alguém tivesse a chave da sala de dentro, dos serviços administrativos. Ajoelhou-se junto do cadáver e, sem o destapar, procurou as algibeiras, primeiro da camisa e, depois, das calças. Tirou a carteira, que, por sorte, ainda não tinha sido roubada, meteu a mão bem fundo em cada um dos bolsos à procura de papéis ou de qualquer objecto que viesse a ter interesse e que não convinha que a brigada dos homicídios visse primeiro. Nada. Duas notas soltas de mil meticais, um maço de Suaves, uma caixa de fósforos Zebra e uma chave enferrujada, que, à primeira vista, seria a da casa do próprio Gustavo Madane. Abriu a carteira e conferiu — o cartão de residente, que o dava como vivendo na Matola, o bilhete de identidade, o cartão de identificação como funcionário da TDM⁵, e cinquenta mil meticais em notas de dez mil. Nenhum papel mais. Nada.

⁵ Empresa pública de telecomunicações.

Era o que restava do homem, provavelmente. Voltou a meter tudo nos bolsos em que mexera, ajeitou o pano que cobria o corpo e acendeu novo Palmar. Estava a fumar cada vez mais e não devia fazê-lo, muito menos logo de manhã, embora tivesse passado a noite a trabalhar na esquadra. Talvez no restaurante lhe arranjassem qualquer coisa de beber. Se tivesse sorte, era capaz de roubar uma Castle, se não houvesse Amstel. Um polícia é um polícia, mesmo às 7h da manhã.